

Caminhando em Fortaleza: um Olhar Crítico Sobre a Cidade

Wandering about in Fortaleza: a Critical View Over the City

Zacharias Bezerra de Oliveira^{a*}

Resumo

Este ensaio é resultado de uma observação crítica feita pelo autor flinando pela cidade de Fortaleza, Ceará, em 2004, durante o curso de Especialização em Comunicação e Novas Tecnologias. Descortina as várias cidades existentes dentro da mesma cidade e as cidades de cada um de nós. Mostra também como os espaços públicos são apropriados para fins particulares e individuais e o descaso dos gestores que deveriam fiscalizar estes abusos. E, finalmente, traz à tona personagens que circulam pelas ruas e avenidas da cidade, ignorados pela população que se desloca veloz e anonimamente em transportes “blindados” pelas novas tecnologias.

Palavras-chave: Meios de Comunicação. Transportes. Cidades.

Abstract

This essay is the result of a critical observation made by the author when wandering about the city of Fortaleza, Ceará, in 2004, during the course of Specialization in Communication and New Technologies. It discloses some existing cities in the same city and the cities existing in each one of us. It also shows how public spaces are appropriated by individuals for particular uses and the indifference by the city managers in preventing such abuses. Finally, it brings out characters that wander about in streets and city avenues, ignored by the population who move around quickly and safely in means of transportation “armored” by new technologies.

Keywords: Media. Means of Transportation. Cities.

^a Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

* Endereço para correspondência: Rua Dr. Ratisbona, 296. Bairro de Fátima. CEP 60.411-220 – Fortaleza – Ceará. E-mail: zb.oliveira@uol.com.br.

1 Introdução

*Quando você olha muito tempo para um abismo,
o abismo acaba olhando para você.
Friedrich Nietzsche*

Quantas cidades existem dentro de uma cidade? Difícil dizer. Mas pode-se imaginar que podem ser tantas quantas são as tribos nelas existentes. As cidades não são somente o *locus* geográfico ou topográfico. As cidades são símbolos e textos que representam uma percepção significativa da nossa condição humana. Existem cidades ocultas ou guardadas na memória de cada um. E também existem cidades construídas apenas em nossa mente, que são feitas “só de exceções, impedimentos, contradições, incongruências, contra-sensos” (CALVINO, 1990, p. 67). Para alguns de seus habitantes, as cidades são a porção restrita do habitat individual, onde os mesmos põem e dispõem as suas individualidades sem a mínima preocupação com o outro ou com o meio ambiente, tal é o nível de desrespeito com que eles se comportam. Na turística cidade de Fortaleza, capital do Ceará, o lixo na calçada (figura 1) ou rebolado em qualquer lugar é apenas um exemplo deste descato.



Figura 1: Rua General Silva Júnior - Bairro de Fátima

Mas será que conhecemos bem a cidade onde moramos, o bairro ou até mesmo a nossa rua? Na velocidade tecnológica em que vivemos não há mais textos. Tudo é imagem. “Não existem mais pontos de referência” (BAUDRILLARD, 1989, p. 18). Entramos em nosso carro na garagem, fechamos os vidros das janelas automaticamente e seguimos apressados. Descemos do carro em um estacionamento fechado ou, muitas vezes, numa garagem subterrânea. Perdemos muito da paisagem urbana. O mendigo no sinal confunde-se com o poste. O pedestre que tenta atravessar na faixa ou fora dela

é mais um estorvo e nos estressa, pois estamos apressados. Vamos em frente, desrespeitando o sinal vermelho (figura 2) e o limite de velocidade, itens fundamentais para a nossa própria segurança. Vivemos nesta velocidade fenomenológica e não temos tempo para mais nada. Assim, perdemos a narrativa do trajeto que percorremos e a possibilidade de interpretarmos aquilo que vivemos. Há, pois, uma “perda de memória, ou, antes, do desenvolvimento de uma ‘memória imediata’ paradoxal, ligada à potência total de imagem” (VIRILIO, 1999, p. 108).



Figura 2: Av. Santos Dumond com Barão de Studart - Aldeota

2 Metamorfoses

A velocidade dos meios tirou o homem do seu contato com a topografia da cidade, reduziu o seu espaço e não lhe deu mais tempo para cuidar de si. A velocidade como forma de olhar o mundo e de vê-lo com outros olhos “transforma a paisagem, faz com que o mundo se desmanche, flua como uma onda” (VIRILIO, 1989, p. 139).

Flanar por Fortaleza permite-nos, pois, ter uma relação menos bruta com o espaço e também observar as muitas cidades existentes dentro dela, além de enxergar as suas transformações. Em muitos bairros, casas vão sendo derrubadas (figura 3) para dar lugar a condomínios fechados ou complexos comerciais. O malabarista (figura 4) ou o palhaço são personagens freqüentes em nossas ruas. Eles pedem um trocado entre os automóveis após uma fugaz atuação, enquanto o sinal está fechado. Em muitos casos, estes singulares personagens sequer podem ver ou são mirados por quem está nos carros “blindados” com películas escuras.

Porém, caminhar por Fortaleza, uma cidade desprovida de calçadas (figura 5) é a arte de fazer possível o que o homem tenta tornar cada vez mais impossível. O pavimento em frente às casas, reservado para a circulação de pedestres, quando existe, é irregular e não obedece aos critérios mínimos de acessibilidade (figura 6).



Figura 3: Rua Dr. Ratisbona com Ministro Joaquim Barros - Bairro de Fátima



Figura 4: Av. Tibúrcio Cavalcante com Abolição - Meireles



Figura 5: Av. Luciano Carneiro - Vila União



Figura 6: Rua Dr. Ratisbona - Bairro de Fátima

A calçada, quando existe, é utilizada de acordo com a circunstância de seu criador, podendo virar uma extensão da casa (figura 7).



Figura 9: Av. Abolição - Meireles

Nos inúmeros bares, restaurantes e botecos, que proliferam pelos bairros da cidade, mesas e cadeiras são colocadas sobre a calçada (figuras 10 e 11).



Figura 7: Av. Educando Girão - Bairro de Fátima

Nos estabelecimentos comerciais ela pode simplesmente transformar-se em um estacionamento para clientes e proprietários, obrigando os transeuntes a passar perigosamente pelo meio fio ou pelo asfalto (figuras 8 e 9).



Figura 10: Av. Treze de Maio - Bairro de Fátima



Figura 8: Av. Abolição - Meireles



Figura 11: Praia de Iracema

Isso quando o próprio comércio não é realizado na calçada (figura 12). Outras calçadas são tomadas por sacos de lixo, obrigando transeuntes a se arriscarem pelo asfalto (figura 13).



Figura 12: Rua Nunes Valente com Abolição - Meireles



Figura 13: Rua Silvia Paulet - Meireles

3 Fortalezas

Mas “o que significa estar numa cidade chamada Fortaleza?” É esta a pergunta que faz o historiador Antonio Luiz Macedo (2001), lembrando que o nome da cidade veio do Forte *Schoonenborch*, construído pelos holandeses no século XVII. Essa fortificação, construída para proteger a urbe dos “invasores”, segundo Macedo, não impediu que a cidade fosse conquistada pelos portugueses em 1654, que logo a batizaram de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. A cidade convive hoje com outros tipos de “violência” com os quais se preocupar e por isso “está permeada por um sem-número de fortalezas particulares” (MACEDO, 2001, p. 13). As fortalezas dos condomínios, fechadas com muros de 3 metros de altura (figura 14) ou fortificadas com cerca elétrica ou de arame farpado. A resposta à pergunta no início do parágrafo vai depender muito de como vivemos a nossa relação com a cidade. É o nosso olhar que vai determinar este significado. Nós vivemos na cidade. A cidade também passa a viver em nós. Tudo está aí e independe de nós.



Figura 14: Rua Ministro Joaquim Bastos - Bairro de Fátima

É preciso ver para crer. Mas para ver, é preciso olhar. Não um olhar qualquer, mas um olhar crítico que nos permite ver, ler e compreender o que os objetos nos comunicam. É este olhar que possibilita a percepção dos signos e códigos ou sistemas de significação. É com este “construto semiótico” (ECO, 1997) que nós vamos chegar à parte significativa do signo, o significado. Mas para quem usa o carro até para ir à padaria da esquina, este olhar é quase um “controle remoto”. As imagens vão mudando muito rapidamente. Nada ou quase nada fica retido na memória. O poste, a placa, as pessoas na parada do ônibus são tudo um risco na quase paisagem que passa (figura 15). O homem hodierno não vê o que está a sua volta; é apenas um passageiro, que vive condicionado, levado de um para outro lado e não viaja. “Ele vive num estado de imobilidade quase cadavérica que o impede de participar do que está a sua volta” (VIRILIO, 1999, p. 136).



Figura 15: Rua Costa Barros - Aldeota

Este homem-máquina está cada vez mais robotizado (MÉRIDIEU, 2002). Suas pernas transformaram-se em rodas e seus braços em próteses mecânicas. Em seu automóvel ele acessa o caixa eletrônico do Banco (figura 16); vai à farmácia (figuras 17 e 18), à lanchonete (figuras 19 e 20) e ao supermercado sem sair do carro, às vezes até sem sair de casa. Este homem passa a resolver tudo pela Internet, telefone fixo ou celular. Ele perde a sua conexão com o mundo real e fica dependente da máquina para tudo. Coloca em risco a sua própria vida, ao dirigir falando um ao telefone celular. Máquinas e instrumentos, cada vez mais modernos, se interpõem entre o homem e o mundo ligando-o e, ao mesmo tempo, afastando-o do universo. “Objetos, sujeitos, imagens e sensações encontram-se, então, fatalmente afastados, distanciados” (MÉRIDIEU, 2002, p. 108).



Figura 16: Av. Santos Dumonsd com Barão de Studart - Aldeota



Figura 17: Av. Abolição - Meireles



Figura 18: Av. Abolição - Meireles



Figura 19: Av. Santos Dumond - Aldeota



Figura 20: Av. Santos Dumond com Rui Barbosa - Aldeota

4 Rompimento com o Passado

Ao deambular em Fortaleza, o pedestre tem maior percepção de como ela se transmuta rapidamente. Bairros residenciais vão se transformando em edifícios de condomínios cada vez mais fechados. As pessoas, em consequência, vão desaparecendo das ruas e das poucas calçadas que ainda resistem aos usos privados e indevidos providenciados pelo homem. Quanto mais periféricos os bairros, maior é a possibilidade de ainda vermos pessoas nas ruas, nas calçadas, nas casas. Nestes bairros, existe maior parecença com aquilo que significa uma cidade, pelo menos para os que têm hoje mais de 40 anos de idade; seja uma cidade com ruas, praças, esquinas, gente e com um certo nível de comunicação pessoal.

Brasília, construída ainda na década de 50 do século passado, é uma dessas cidades pós-modernas. Segundo Bauman e Maffesoli (1998 *apud* BENEVIDES, 2003, p. 188-189), pós-moderno significa que “[...] os elementos que antes estruturavam a modernidade [...] não mais encontram estruturação no jogo econômico contemporâneo”. Estas cidades da era atual são caracterizadas por grandes avenidas, prédios de apartamentos e sem esquinas. A vida dá-se aí nos inúmeros centros comerciais, clubes de entidades de classe ou particulares e nas diversas agremiações. Estes espaços de convivência comum são transformados em não-lugares (AUGÉ, 2001). Algumas pessoas não conseguem se acostumar com essa idéia e voltam para suas origens ou procuram locais mais adequados, segundo seus critérios, para viver.

As cidades não contemporâneas, como Fortaleza, pouco a pouco vão se transformando em outras cidades que já não cabem mais dentro dela. Rapidamente nós esquecemos o que esteve ali onde hoje é um prédio residencial de 30 andares, uma farmácia, um Banco, lanchonete ou mesmo um estacionamento para abrigar os carros que visitam os centros comerciais que pululam nos arredores. Como nas cidades invisíveis de Ítalo Calvino (1990) o homem em Fortaleza passou a viver uma cidade que existe apenas nas suas lembranças, nos livros de história ou nos cartões postais. A nova cidade virou uma metrópole, que em nada lembra aquela que resiste na nostalgia de nossa memória.

Este rompimento com o passado é bem nítido em Fortaleza nos bairros da Aldeota, onde foram apagados quase que por completo os traços da convivência residencial de outras épocas e da Praia de Iracema, que é hoje “manchete semanal das páginas policiais dos jornais e dos conteúdos idênticos televisivos locais” (BENEVIDES, 2003, p. 265). A Praia de Iracema é um bairro que passou de uma pacata vila de pescadores do início do século passado, para ser um bairro residencial. Transformada depois em uma região de lazer e entretenimento (bares, restaurantes, boates e similares) a Praia de Iracema vive hoje o ostracismo contemporâneo da pós-modernidade. Passou de algo útil para a sociedade para abrigar prédios de luxo, ocupados esporadicamente por seus proprietários e “inferninhos” que atraem o turismo sexual ou

acabam servindo à marginalidade.

Esgotadas as possibilidades de exploração econômica destes dois espaços da cidade de Fortaleza (Aldeota e Praia de Iracema), a especulação imobiliária e econômica se volta agora para o bairro de Fátima. Aqui também, ela poderá transformar em comércio ou em condomínios as residências ainda existentes nas proximidades da Avenida 13 de Maio. E a sanha da especulação imobiliária pode espalhar-se por outras áreas. Em Fortaleza, em benefício de segmentos sociais de alto poder econômico e político,

os signos de pertencimento foram subjugados e destruídos em nome de uma dinamização política e econômica que trabalha na perspectiva de um eterno rompimento com o passado” (BENEVIDES, 2003, p. 227).

5 Perguntar para Não Concluir...

Quantas cidades existem dentro de uma cidade? Depende do olhar de cada um. A cidade pode ser apenas um ícone, a percepção sensível de signos ou um índice, que dá apenas pistas e vestígios do que realmente ela é. A cidade pode ser tão somente um símbolo da sociedade de consumo, com normas e regras de um padrão auto-referente. Tudo depende da nossa disposição e relação com a cidade. Pode não ser possível quantificar as cidades que existem dentro da cidade, mas esta quantidade pode ser igual ao número de significados de um signo. Afinal, cada qual vê a cidade de acordo com a sua disposição e individualidade.

Para melhorar o ambiente, a locomoção e o bem-estar de

todos na cidade de Fortaleza, cabe ao poder público municipal a efetivação de seu papel como gestor e fiscalizador das obras e da utilização de espaços públicos e, à população, o dever de zelar pelo conforto e o respeito ao código de obras e posturas do município. Mas este é um assunto que poderá ser objeto de estudo mais aprofundado a seguir.

Referências

- AUGÉ, M. *Não lugares*. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2001.
- BAUDRILLARD, J. *América Documentos*: entrevista. São Paulo: Videofilmes/Companhia das Letras, 1989. p. 17-20.
- BENEVIDES, A. A. *Estética do consumo no cenário social e cultural da Praia de Iracema*. 2003. (Tese de Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- CALVINO, Í. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Schwarcz, 1990.
- ECO, U. *Tratado geral de semiótica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- MÉRIDIÉU, F. Anjos, robôs e mundos virtuais: e o corpo carnal, o que vem a ser? *Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica e, Cultura*, São Paulo, n. 4, 2002.
- MACEDO, A. L. M. *Fortaleza: imagens da cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.
- VIRILIO, P. *Cadernos do Documentário AMÉRICA*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *O Espaço crítico e as perspectivas do tempo real*. São Paulo: 34, 1999.